

# Importância do estudo das construções de carreira de adultos(as) emergentes no pós-pandemia: revisão narrativa e agenda de pesquisa para a orientação profissional e de carreira

Marcelo Afonso Ribeiro<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo (São Paulo, SP, Brasil)

A crise gerada pela pandemia da covid-19 vem impactando o mundo do trabalho e os(as) adultos(as) emergentes estão se configurando como um dos grupos que será mais afetado no pós-pandemia, pois irão reconstruir esse mundo e ditar as tendências para seu futuro. Assim, este artigo propôs uma revisão narrativa que legitimasse a importância do estudo das construções de carreira de adultos(as) emergentes no pós-pandemia e as potenciais implicações para a orientação profissional e de carreira (OPC). Para tal, identificou o cenário para potenciais agendas de pesquisa pós-pandemia no campo de estudos do trabalho e sistematizou o estado da arte de estudos sobre construção da carreira de adultos(as) emergentes no Brasil, as lacunas de pesquisas e intervenções em OPC e os principais impactos gerados pela pandemia, destacando os impactos específicos para os(as) adultos(as) emergentes. Todas essas sistematizações apontaram a necessidade de estudar a vida de trabalho desse grupo, que se encontra sub-representado nos estudos de trabalho em geral, com destaque para o campo da OPC, e que, potencialmente, deve sofrer consequências significativas e relevantes no pós-pandemia.

Palavras-chave: Trabalho, Projeto de vida, Identidade, Jovens, Orientação vocacional.

Reasons for studying the career constructions of emerging adults in the post-pandemic: narrative review and a research agenda for career guidance and counseling

The crisis generated by the COVID-19 pandemic has been impacting the working world, and emerging adults are shaping up to be one of the groups that will be most affected post-pandemic, since they will reconstruct this world and dictate trends for the future. Thus, this article proposed a narrative review for legitimizing the importance of studying emerging adult career constructions in the post-pandemic and the potential implications for career guidance and counseling (CGC). To this end, the article identified the scenario for potential post-pandemic research agendas of the working studies field and systematized the state of the art of studies on career construction of emerging adults in Brazil, the gaps in research and interventions in CGC, and the main impacts generated by the pandemic, highlighting the specific impacts for emerging adults. All these systematizations stressed the need to study the working lives of this group, which is under-represented in working studies in general, mainly in the CGC field, and which, potentially may suffer significant and relevant consequences in the post-pandemic.

Keywords: Labor, Life project, Identity, Young adults, Vocational guidance.

<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0002-0396-7693>

## Introdução

O ano de 2020 testemunhou a emergência e a consolidação da pandemia da covid-19, causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Ele se alastrou pelo mundo todo, gerando significativos impactos sanitários com milhões de mortes, instabilidade socioeconômica e recessão global, o que fez com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretasse Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – seu mais alto nível de alerta (Organización Mundial de la Salud, 2019).

A pandemia colocou em xeque duas dimensões centrais da vida: os projetos de vida e os projetos de trabalho de todos(as) que, sem exceção, foram interpelados(as) radicalmente, mostrando os diversos níveis de vulnerabilização sofridos em termos de saúde e trabalho. Esse movimento vem ocasionando, desde então, rupturas significativas nas vidas das pessoas, instaurando uma crise socioeconômica que tende a impactar significativamente a vida de trabalho e as construções das trajetórias e identidades de todos(as), com alguns grupos potencialmente estando mais expostos do que outros (Autin et al., 2020; Barbosa et al., 2020; Corseuil & Franca, 2020; International Labour Organization [ILO], 2023). A OMS declarou o fim do ESPII em 2023, mas a economia, a educação e o mundo do trabalho estão vivendo os chamados tempos pós-pandêmicos desde 2021 (Vyas, 2022).

Os(as) adultos(as) emergentes têm sido um dos grupos mais afetados pela pandemia no mundo, em função de estarem iniciando suas carreiras e tendo que se reinventar para lidar com as transformações do mundo do trabalho. Eles(as) vêm iniciando suas trajetórias de trabalho imersos em um contexto de incertezas, inseguranças, desinformação, vivência concreta da vulnerabilidade da vida e dificuldades de inserção no mundo do trabalho, como aponta tanto a literatura internacional (Hughes et al., 2021; ILO, 2022; Keshky et al., 2020; Navarro-Jiménez et al., 2021; Robinson et al., 2021), quanto a nacional (Barbosa et al., 2020; Costa, 2020; Flamini et al., 2021; Silva et al., 2020; Teixeira et al., 2021). Nos próximos anos, esse processo deverá transformar a configuração das inserções nos mundos do trabalho e das construções de carreira dos(as) adultos(as) emergentes descritas pela literatura e, por conseguinte, das estratégias de orientação profissional e de carreira (OPC) destinadas a eles(as) – esse é nosso pressuposto principal.

Segundo as revisões de Barbosa-Silva et al. (2021) e Peixoto et al. (2020), o conceito de juventude tem se modificado ao longo das últimas décadas e deve levar em conta fatores contextuais, identitários, subjetivos, socioculturais e das demandas emergentes. Não se encerra em uma faixa etária, nem pode ser considerado universal, embora existam regularidades contextuais nas experiências de ser jovem.

Guimarães et al. (2020) apontam que as juventudes teriam em comum experiências de transição para a vida adulta que se interseccionam articulando movimentos de múltiplas transições, entre elas educacionais, de vida familiar e de vínculo com o trabalho. Segundo Arnett (2016) e Dutra-Thomé e Koller (2019), são experiências geradoras de exploração identitária e de possibilidades de futuro, instabilidade e vivência do entre (nem são mais adolescentes, nem são ainda adultos). Assim, adultos(as) emergentes constroem papéis e posicionamentos psicossociais singulares para esse momento de vida, variando em função das posições de classe, gênero e raça, ou seja, há algumas características mais genéricas e outras específicas em função desses marcadores psicossociais, como apontam Arnett (2016) e Guimarães et al. (2020).

Apesar de a faixa etária não ser critério universal para definição das juventudes, ela é importante indicador para conceituação teórica e balizamento de políticas públicas. Por isso, com base na concepção político-institucional da Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2022), nas sínteses de estudos sobre início de carreira geralmente realizada por jovens (Baruch & Sullivan, 2022; Blustein et al., 2020), e nos estudos psicossociais de Arnett (2016) e sociológicos de Guimarães et al. (2020), adotamos o período de 18 a 29 anos para delimitar as

experiências de ser jovem, e a concepção de adultos(as) emergentes, como postulou Arnett (2016), para definir esse momento de múltiplas transições para a vida adulta. A partir daqui, uniformizamos a terminologia para adultos(as) emergentes, embora tenhamos mantido os termos jovem ou jovens quando havia referência a um período mais estendido definido como juventude, iniciando aos 15 anos (Guimarães et al., 2020; ILO, 2022).

Para fundamentar nossa discussão, apresentaremos, de forma breve, nossa base conceitual.

- a) *Trabalho*: ação responsável pela segurança ontológica no mundo capitalista ao possibilitar a satisfação de três dimensões centrais da vida humana: sobrevivência; conexão e reconhecimento social; e autodeterminação (Blustein, 2019).
- b) *Mundos do trabalho*: diversas formas de relações com o mundo por meio do trabalho configurando posições, vínculos e lugares diferenciados de sua realização (Hobsbawm, 1987).
- c) *Emprego*: vínculo formal de trabalho, sendo o conjunto de empregos disponíveis em dado contexto social nomeado de *mercado de trabalho*, e a exclusão temporária (ou duradoura) da possibilidade de fazer parte desse mercado como *desemprego* (Hobsbawm, 1987).
- d) *Trabalho informal*: realizado de maneira não regulada, sem vínculo formal e sem proteção social (Blustein, 2019).
- e) *Trajatória de trabalho*: história do percurso das experiências de trabalho das pessoas.
- f) *Construção de carreiras*: processos psicossociais de construção da jornada da pessoa ao longo da vida, aprendizagem e trabalho (Hooley, 2022).

## Definição e caracterização dos(as) adultos(as) emergentes nos mundos do trabalho no Brasil

Adultos(as) emergentes têm entre 18 e 29 anos e constituem 18,9% da população total do Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2021). Constituem, em relação aos mundos do trabalho, um grupo com desvantagens importantes caracterizadas por desemprego, alta rotatividade no emprego, elevada taxa de informalidade, jornadas semanais de trabalho longas, desigualdade de gênero e baixa remuneração (ILO, 2022). Segundo Corseuil e Franca (2020), a proporção de adultos(as) emergentes ocupados(as) era de 41,4% e fora da força de trabalho era de 44,7%, sendo a taxa de desemprego 23,9% e a taxa de informalidade 48%.

O trabalho é central na vida dos(as) adultos(as) emergentes (Guimarães et al., 2020) e, em geral, a elevação da escolaridade e da qualificação profissional era o caminho tradicional para melhorar a condição de trabalho, mas ele vem sendo gradativamente substituído pelo empreendedorismo. Este tem duas facetas, pois pode, por um lado, ser uma forma de precarização do trabalho, principalmente para os grupos mais vulnerabilizados (Oliveira, 2020), contudo, por outro lado, tem demonstrado ser uma forma de superar o individualismo e a fragmentação por meio de redes de solidariedade e apoio mútuo nas classes mais baixas (Tommasi & Corrochano, 2020), além de possibilitar projetos de trabalho mais autônomos e inovadores nas classes mais altas (Cazeri et al., 2021; García-Morales et al., 2021). Segundo Hooley (2022), um último ponto complementar que vem impactando a construção das carreiras é a questão da tecnologia e da inclusão/exclusão digital – fator gerador de uma lacuna entre os(as) incluídos(as) e os(as) excluídos(as) digitais – *have e have-nots*.

Adultos(as) emergentes de baixa qualificação vivem a necessidade precoce de conciliar exigências laborais e escolares (Dutra-Thomé & Koller, 2019), altas taxas de rotatividade, informalidade e de desemprego (Corseuil & Franca, 2020), critérios de seleção para emprego mais rigorosos e oportunidades de empregos no início da carreira de baixa qualidade e remuneração, estando muito sujeitos à precarização do trabalho (Guimarães et al., 2020), sendo esses seus

principais desafios em relação à inserção no mercado de trabalho. Esse grupo busca melhores condições de vida, respeito, reconhecimento social e proteção social (Ribeiro et al., 2022), conta com o apoio familiar para seu desenvolvimento no trabalho (Dutra-Thomé & Koller, 2019), não vê a educação como um fator para ascensão laboral (Arnett, 2016) e tem dificuldade de fazer com que o trabalho seja a dimensão da vida capaz de gerar autonomia, independência e controle de seus futuros (Ribeiro et al., 2022). Estudos internacionais com adultos(as) emergentes de países desenvolvidos e em desenvolvimento apontam o mesmo quadro (Cohen-Scali et al., 2022).

A formalização do vínculo de trabalho é a meta a ser alcançada, tendo que lutar contra a informalização do trabalho ao longo de toda a vida (Dutra-Thomé & Koller, 2019; Ribeiro et al., 2022). Muitas vezes, as condições de trabalho vividas são naturalizadas, resultando em conformismo e dificuldade de planejamento futuro pela necessidade de atender a demandas presentes. A saída desse grupo é desenvolver-se e adaptar-se continuamente, construindo suas carreiras em situação de vulnerabilidade e vivendo experiências de desalento, especialmente pessoas negras e de baixa escolaridade (Corseuil & Franca, 2020; Guimarães et al., 2020).

Adultos(as) emergentes universitários(as), por outro lado, tendem a ter mais oportunidades, utilizam o curso realizado como forma de estabelecer, gradativamente, suas relações com o mundo do trabalho. Eles(as) buscam sentido no fazer profissional, costumam adiar o ingresso nos mundos do trabalho e contar com as melhores chances de trabalhar, muitas vezes, articulando empregos com microempreendimentos (Cazeri et al., 2021), com variações em função do curso e da instituição de ensino superior (Almeida & Socci, 2017; D'Avila & Coutinho, 2019; Knabem et al., 2018). García-Morales et al. (2021) corroboram esse panorama ao afirmarem que a transformação digital tem caminhado em paralelo ao movimento crescente do empreendedorismo e causado inovações que seriam oportunidades para mudanças e crescimento das carreiras para adultos(as) emergentes profissionais.

Por fim, adultos(as) emergentes no Brasil contemporâneo constroem suas carreiras de duas maneiras predominantes e antagônicas. Por um lado, a maioria constitui trajetórias descontínuas e intermitentes em trabalhos de baixa qualidade (formais e informais), com experiências frequentes de desocupação e poucas oportunidades de ascensão, denominados grupos pela falta (Castel, 2009). Por outro lado, a minoria tem formação superior, constrói trajetórias contínuas, estáveis e, muitas vezes, flexíveis, intercalando empregos, empreendedorismo e prestação de serviço em trabalhos de boa qualidade, denominados grupos pelo excesso (Castel, 2009). Há um grupo intermediário que se localiza entre os extremos e constitui um *continuum* entre os grupos pela falta e os grupos pelo excesso (Guimarães et al., 2020).

Definido e contextualizado o(a) adulto(a) emergente no Brasil, temos que justificar: Por que estudar a construção de carreira de adultos(as) emergentes no pós-pandemia é uma temática relevante?

## **Cenário para potenciais agendas de pesquisa pós-pandemia no campo de estudos do trabalho**

Diante do cenário da pandemia, vários(as) autores(as), a partir de revisões sistemáticas de literatura ou ensaios, propuseram potenciais agendas de pesquisa pós-pandemia no campo de estudos do trabalho. Rudolph et al. (2021) identificaram dez dos tópicos de pesquisa e prática mais relevantes no campo da psicologia do trabalho e das organizações (POT) que provavelmente serão fortemente influenciados pela crise gerada pela pandemia da covid-19, incluindo carreiras como um deles, e propondo como alguns desafios para a pesquisa compreender como a pandemia afetará as experiências e trajetórias de carreira e “de que forma as atitudes de carreira das pessoas mudarão devido à crise” (p. 8). Hirschi e Koen (2021) indicaram a importância da análise da interação entre fatores individuais e contextuais nos processos de aconselhamento de carreira

no pós-pandemia. Kossek et al. (2020) apontaram a importância de estudar, entre outros grupos, trabalhadores(as) com descontinuidade de carreira, como será o caso de uma grande parte dos(as) adultos(as) emergentes no pós-pandemia, como forma de incluir grupos frequentemente excluídos da pesquisa sobre carreiras. Blustein et al. (2020) destacaram que, para produzir conhecimentos significativos e contextualizados, a fim de enfrentar o desafio das consequências da crise gerada pela pandemia, os(as) pesquisadores(as) deveriam desenvolver “uma agenda de investigação com foco em dois componentes principais – o primeiro é um modo participativo de compreensão da experiência da juventude e o segundo é o desenvolvimento de intervenções baseadas em evidências derivadas deste processo de pesquisa” (p. 3).

Em síntese, o estudo das carreiras de adultos(as) emergentes no pós-pandemia é considerado relevante e pertinente como agenda de pesquisa futura, mas uma questão permanece: o que já existe de produções realizadas sobre essa temática na literatura? Assim, este artigo propôs uma revisão narrativa que legitimasse a importância do estudo das construções de carreira de adultos(as) emergentes no pós-pandemia e as implicações para a OPC. Para tal, identificou o cenário para potenciais agendas de pesquisa pós-pandemia no campo de estudos do trabalho e sistematizou o estado da arte de estudos sobre construção da carreira de adultos(as) emergentes no Brasil, as lacunas de pesquisas e intervenções em OPC e os principais impactos gerados pela pandemia, destacando os impactos específicos para os(as) adultos(as) emergentes.

## Método

Caracterizamos este estudo como exploratório e descritivo. Para cumprir nossos objetivos, realizamos uma revisão narrativa, que, de maneira qualitativa, busca descrever e discutir o estado da arte de determinada temática ou área de estudos visando, principalmente, identificar lacunas de conhecimento sobre o campo investigado. Não estabelece uma metodologia rigorosa e replicável, contudo, mostra-se significativa para sistematização e atualização do conhecimento sobre dada temática, buscando evidenciar tendências e lacunas na literatura selecionada (Rother, 2007).

Morosini e Fernandes (2014) apontam que a construção de um estado da arte ou de conhecimento ocorre pela “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (p. 102), por meio de fontes diversas (artigos científicos, livros, textos de trabalho ou discussão, notas técnicas). O estado de conhecimento permite compreender de forma mais aprofundada dado campo de estudos e mapear as temáticas centrais que vêm sendo pesquisadas nele, bem como lacunas existentes e tendências para investigação científica.

Realizamos a revisão narrativa em bases de dados nacionais e internacionais nas quais se encontram os principais periódicos científicos que publicam artigos sobre estudos do trabalho e das carreiras até maio de 2022 (Pepsic, SciELO, Scopus e Web of Science), e identificamos livros e textos na internet, de forma ampla, que discutiam impactos da pandemia. Visamos estabelecer o estado da arte sobre os impactos da pandemia e os estudos sobre construção da carreira de adultos(as) emergentes no Brasil, identificando potenciais agendas de pesquisa.

Primeiramente, levantamos as principais temáticas sobre construções de carreira discutidas no Brasil, segundo pesquisas recentes e revisões sistemáticas e/ou integrativas produzidas nos últimos cinco anos (2017-2021) e com base em revisões sobre produções no campo da OPC até os dias de hoje (2005 a 2017). Em segundo lugar, levantamos e sistematizamos as produções sobre os principais impactos gerados pela pandemia de maneira geral e, mais especificamente, aqueles gerados pela pandemia para adultos(as) emergentes no Brasil. Por último, analisamos as revisões produzidas buscando indicar potenciais agendas de pesquisa pós-pandemia no campo de estudos do trabalho.

## **Resultados**

### ***Estado da arte de estudos sobre construção da carreira de adultos(as) emergentes no Brasil e potenciais agendas de pesquisa***

Os estudos de carreira tiveram início com foco nos planos homogêneos de carreira nas organizações, resultando na definição de carreira como sequência de cargos e funções em dada empresa. No entanto, em função das transformações do trabalho em andamento, a noção de carreira vem sofrendo mudanças tanto no escopo das pesquisas, quanto nas conceituações teóricas e nos mundos do trabalho, gerando uma versão mais alargada e complexa que inclui as várias possibilidades de construção das trajetórias laborais no mundo estendido do trabalho, não somente no contexto organizacional das empresas (Baruch & Sullivan, 2022). Por conta disso, nos baseamos aqui na ideia de *construção de carreira* como um processo psicossocial de construção da jornada da pessoa ao longo da vida, aprendizagem e trabalho (Hooley, 2022).

Basicamente, há três grandes campos do saber que se dedicam a estudar a construção das carreiras: a sociologia do trabalho e a psicologia social do trabalho, por meio dos estudos das trajetórias de trabalho (e.g., D'Avila & Coutinho, 2019; Guimarães et al., 2020; Rosa & Coutinho, 2019); a OPC, por meio dos estudos de desenvolvimento e construção das carreiras (e.g., Almeida & Socci, 2017; Ribeiro et al., 2022; Rizzatti et al., 2018); e a POT e a administração, por meio dos planos organizacionais de carreira e microcomportamento organizacional (e.g., Vasconcellos et al., 2016).

Em geral, por um lado, os campos da OPC e da POT vêm se dedicando a estudar adolescentes de classe média/alta, universitários e/ou profissionais com formação superior como público-alvo predominante, mas com poucos estudos voltados para a construção da carreira, de modo geral, e mais especificamente de adultos(as) emergentes, como apontam as revisões de literatura de Almeida e Socci (2017), Ambiel et al. (2017), Oliveira et al. (2017), Rizzatti et al. (2018) e Vasconcellos et al. (2016). E, por outro lado, os campos da sociologia do trabalho e da psicologia social do trabalho têm se voltado para populações menos escolarizadas ou buscado comparar perfis distintos de trajetórias de trabalho de jovens (e.g., Guimarães et al., 2020), também não constituindo um conjunto grande de estudos.

O tema da construção das carreiras de adultos(as) emergentes não tem sido amplamente estudado na realidade brasileira, como aponta a revisão de escopo de Souza e Murgio (2022) sobre esse grupo no Brasil, na qual essa temática não aparece. Nos poucos trabalhos existentes, as seguintes temáticas foram investigadas segundo pesquisas e revisões sistemáticas e/ou integrativas produzidas nos últimos cinco anos (2017-2021): transições de carreiras (Rizzatti et al., 2018); carreiras nas organizações (Vasconcellos et al., 2016); carreiras esportivas (Campos et al., 2017; Galatti et al., 2021); estudantes atletas (Fiochi-Marques et al., 2018; Miranda et al., 2020); carreira docente (Godtsfriedt, 2015); universitários(as) egressos(as) e/ou recém-formados(as) em nível superior (Almeida & Socci, 2017; D'Avila & Coutinho, 2019; Knabem et al., 2018); carreira dual em casais homossexuais (Fraga et al., 2019); trajetórias de trabalho de jovens das classes baixas, com baixa qualificação e/ou vulnerabilizados(as) (Duarte & Alves, 2016; Rosa & Coutinho, 2019); e comparação de grupos de jovens a fim de analisar as desigualdades estruturais no Brasil pela lente de suas trajetórias de trabalho (Guimarães et al., 2020).

No campo específico da OPC, adultos(as) emergentes são um público parcialmente estudado em termos de compreensão de suas construções de carreira e de proposição de práticas de intervenção. Isso ocorre porque, no período cronológico entre 18 e 29 anos, há estudos e práticas com adultos(as) emergentes de classe média e alta no momento de escolha de um curso superior e, posteriormente, quando se tornam universitários(as), em média dos 18 aos 23 anos. Nesse momento, há a proposição de modelos de OPC focados em processos de adaptação à realidade existente e baseados na liberdade

de escolha e na busca de autonomia, em função de essa classe ter mais condições materiais, culturais e sociais para tal. Enquanto isto, adultos(as) emergentes de classes baixas, sem formação superior, com menos recursos e suportes materiais e sociais, junto a grupos vulnerabilizados por questões de gênero, sexualidade e raça/etnia, têm pouca representatividade nesse campo do saber.

Essa tendência tem se confirmado, historicamente, nas revisões sobre produções no campo da OPC até os dias de hoje. Abade (2005) analisa a produção científica da OPC até o início dos anos 2000 e aponta poucos trabalhos que não estudem adolescentes de classe média e alta buscando auxílio para escolher um curso superior. Noronha et al. (2006) estudam as teses e dissertações produzidas no período entre 1969 e 2005, Teixeira et al. (2007) investigam a produção da Revista Brasileira de Orientação Profissional até 2006, e Noronha e Ambiel (2006) analisam a produção científica até 2005, revelando que os grupos mais estudados são estudantes do ensino médio de escolas privadas e universitários(as) e recomendam que “a orientação profissional com populações específicas mereceria maior atenção por parte dos pesquisadores” (Noronha & Ambiel, 2006, p. 82).

Aguiar e Conceição (2012), Ambiel et al. (2017) e Noronha et al. (2014) chegam à mesma conclusão em seus estudos sobre produção científica em OPC da permanência de estudantes de ensino médio, principalmente de escolas privadas, e de universitários(as) como públicos-alvo mais estudados. Os anais dos últimos três congressos brasileiros de OPC (Lassance & Ambiel, 2018, 2020; Lassance et al., 2022) confirmam essa tendência e indicam uma média de 12% de trabalhos com públicos distintos. Com base no exposto, podemos dizer que um dos desafios contemporâneos principais para o campo da OPC, acirrado pela pandemia, seria ampliar e diversificar seu público estudado e atendido.

Em termos de potenciais agenda de pesquisa, Vasconcellos et al. (2016) indicaram que, como agenda de investigação sobre as carreiras, “é necessário estimular discussões teóricas e conceituais sobre algumas variáveis, especialmente trajetória e perspectiva de carreira, uma vez que os resultados da revisão apontaram fragilidade nesse aspecto” (p. 84). D’Avila e Coutinho (2019) propõem que “pesquisas que focalizem as trajetórias laborais em ‘tempos de crise’ são fundamentais para entender as continuidades e rupturas nos processos de constituição dos sujeitos” (p. 9). Ambiel et al. (2017) concluem que há lacunas claras na agenda de pesquisa no campo da OPC: “referem-se à necessidade de ampliação de estudos que abordem populações diversas . . . àquelas que se encontrem em desvantagem socioeconômica, mostra-se também relevante que se estudem populações com maior vivência profissional que a apresentada por estudantes de Ensino Médio e universitários” (pp. 142-143). Oliveira et al. (2017) concluem que “futuras pesquisas poderiam realizar um levantamento das necessidades de carreira de diferentes públicos-alvo, de forma a nortear o desenvolvimento de intervenções de carreira específicas para determinadas populações” (p. 138). E Guimarães et al. (2020) ressaltam que a crise econômica associada a reformas nas regras de regulação do mercado de trabalho e somada à crise sanitária da pandemia da covid-19 tornou a inserção dos(as) jovens ainda mais instável, “deixando mais evidentes as desigualdades que os diferenciam. Isso torna urgente renovar as análises sobre trajetórias juvenis no Brasil nos momentos que sucederão essa inaudita e perversa combinação de alterações nas formas de operação do mercado de trabalho” (p. 493).

Assim, o estado da arte de estudos sobre construção da carreira de adultos(as) emergentes no Brasil indica uma lacuna de investigações sobre essa temática e a necessidade premente de ampliar as poucas pesquisas sobre trajetórias de trabalho e carreiras de adultos(as) emergentes já realizadas (D’Avila & Coutinho, 2019; Vasconcellos et al., 2016), levando em conta a diversidade sociocultural existente nesse grupo (Ambiel et al., 2017; Guimarães et al., 2020), e propor bases tanto para intervenções de OPC (Ambiel et al., 2017; Oliveira et al., 2017), quanto para políticas públicas (Guimarães et al., 2020), principalmente em tempos de crise (D’Avila & Coutinho, 2019; Guimarães et al., 2020) e de pandemia (Ribeiro, 2020). Diante disso, é importante analisar como a pandemia vem impactando o mundo social e do trabalho, principalmente para os adultos(as) emergentes, e quais serão os potenciais desafios futuros.

### ***Impactos gerados pela pandemia***

Em termos socioeconômicos, diante da pandemia, houve uma perda significativa de empregos e contração econômica (Hughes et al., 2021), um aumento dos níveis de desemprego com consequente aumento do subemprego e da informalidade do trabalho (Adams-Prassl et al., 2020; Alon et al., 2020; Barbosa et al., 2020; Galasso et al., 2020; Lambovska et al., 2021; Robinson et al., 2021), um aumento da pobreza (Rohwerder, 2020) e o surgimento de um contingente grande de novos(as) pobres (ILO, 2023). Esse cenário vem causando um maior vulnerabilização de todos(as), mas com maior impacto para os grupos já vulnerabilizados (Navarro-Jiménez et al., 2021; Rohwerder, 2020), entre eles trabalhadores(as) de baixa qualificação, informais e precarizados(as) (ILO, 2022; Rohwerder, 2020), mulheres (Fortier, 2020; United Nations [UN], 2020), adultos(as) emergentes (Hughes et al., 2021; ILO, 2022; Keshky et al., 2020; Mann et al., 2020; Recksiedler & Landberg, 2021) e negros(as) (Barbosa et al., 2020; Lage & Rodrigues, 2021; United Nations Department of Economic and Social Affairs [UNDESA], 2020).

Em termos de saúde, houve a instauração crescente de uma crise global de saúde mental (Hughes et al., 2021), principalmente entre trabalhadores(as) e cuidadores(as) (Autin et al., 2020) e adultos(as) emergentes (Townsend, 2020).

Em termos de trabalho e mundos do trabalho, as pessoas, em geral, com variações socioeconômicas e culturais, vêm enfrentando obstáculos para se empregarem (Flamini et al., 2021; Mann et al., 2020), convivem com experiências de descontinuidades frequentes de carreira (Blustein et al., 2020), de insegurança no trabalho (Rudolph et al., 2021), com maiores dificuldades no início da carreira (Blustein, 2019; Keshky et al., 2020) e incerteza do futuro de carreira (Rohwerder, 2020). Houve um aumento da economia *gig*, principalmente pelos trabalhos gerados pelas plataformas virtuais (Robinson et al., 2021), configurando oportunidade para uns e restrição para outros(as), e aumento do trabalho remoto, que é, simultaneamente, solução e problema para os mundos do trabalho (Dingel & Neiman, 2020; ILO, 2022), em função da exclusão digital, levando ao questionamento de “para quem e de que maneira” o futuro poderá ser parcial ou totalmente online (Hooley, 2022; Ribeiro, 2020; Robinson et al., 2021).

Em termos de acesso à informação, vivemos um momento de desinformação intenso (Navarro-Jiménez et al., 2021; Robinson et al., 2021), de inclusão digital para a minoria (Robinson et al., 2021) e analfabetismo e/ou exclusão digital para a grande maioria (Hooley, 2022). Essa é uma questão contemporânea anterior à pandemia no Brasil (Lebioda et al., 2019), mas que se intensificou concretamente durante esse período, como apontam Góes et al. (2020), que estimam que a possibilidade de trabalho remoto no Brasil é 22,7% da população, concentrada, basicamente, nos grupos com maior qualificação e capital sociocultural.

Em termos psicossociais, destacamos que a pandemia é uma experiência inédita para todos(as), pois nunca vivemos uma experiência como essa, que coloca em xeque dois pilares centrais das nossas vidas: saúde e trabalho. Ela se caracteriza por experiências marcadas por limites, perdas e mortes, sejam simbólicas, sejam concretas, o que nos mostrou, de uma forma direta, como somos todos vulneráveis, sendo alguns(mas) mais vulnerabilizados(as) do que outros(as).

Tais experiências trazem uma consequência importante para todos(as), variando em grau e qualidade em função da interseccionalidade de classe, gênero/sexualidade e raça/etnia (Barbosa et al., 2020; Flamini et al., 2021; Hughes et al., 2021; Recksiedler & Landberg, 2021; Robinson et al., 2021): a ruptura das bases seguras para a vida e a incerteza sobre o futuro, com impossibilidade de estabelecer projetos de vida e planos de ação em todas as dimensões da vida (pessoal, afetiva, social, educacional, de trabalho e de lazer), como colocam Keshky et al. (2020), Robinson et al. (2021), Rohwerder (2020) e Teixeira et al. (2021). Entretanto, por outro lado, elas geraram também maior resiliência e solidariedade, pelo menos durante a pandemia (Robinson et al., 2021).



Em síntese, os quatro impactos emergentes mais significativos para o campo de estudos do trabalho e das carreiras gerados pela pandemia foram: “desemprego, saúde mental do/a trabalhador/a, interface trabalho-família e disparidades nos níveis de emprego” (Autin et al., 2020, p. 487), sendo os(as) adultos(as) emergentes um dos grupos mais afetados no mundo (Hughes et al., 2021; ILO, 2022; Keshky et al., 2020; Lambovska et al., 2021; Recksiedler & Landberg, 2021; Robinson et al., 2021) e, mais especificamente, no Brasil (Barbosa et al., 2020; Costa, 2020; Flamini et al., 2021; ILO, 2022; Silva et al., 2020; Teixeira et al., 2021).

No país, os impactos da pandemia nos mundos do trabalho reproduzem as questões internacionais levantadas. Podemos destacar a diminuição da renda e das condições de vida (Prates & Barbosa, 2020) e do emprego com consequente aumento do desemprego, da economia *gig* e da informalidade (Lage & Rodrigues, 2021). Os grupos mais afetados são formados por trabalhadores(as) informais, mulheres e adultos(as) emergentes (Barbosa et al., 2020; Flamini et al., 2021; Silva et al., 2020), sem possibilidade de realizar trabalho remoto, restrito aos 22,7% mais qualificados e com maior capital sociocultural, redes e suportes socioeconômicos (Góes et al., 2020).

Silva et al. (2020) sintetizam esse panorama dizendo que as principais consequências da pandemia para os mundos do trabalho no Brasil foram o aumento do trabalho remoto, da flexibilização dos contratos de trabalho e do trabalho informal, somados a uma estimativa de 50% a 60% da população apresentando sintomas de ansiedade, depressão e estresse durante a pandemia, principalmente entre adultos(as) emergentes, como indica o estudo de Bauer et al. (2021).

Os(as) jovens, em geral, e os(as) adultos(as) emergentes foram impactados(as) positiva e negativamente pela crise da pandemia do covid-19. Todos(as) perceberam que não são donos(as) plenos de suas vidas e que estão sujeitos a fatores sobre os quais não têm controle. Paradoxalmente, isso pode gerar a construção de estratégias para lidar com os imprevistos da vida e, de forma simultânea, uma desesperança com relação ao futuro, que pode perdurar muito, com variações em função das condições socioeconômicas, culturais e de qualificação. Assim, é necessário responder, agora, quais foram os principais impactos da pandemia para os(as) adultos(as) emergentes.

### ***Impactos da pandemia para os(as) adultos(as) emergentes***

Adultos(as) emergentes são um grupo aflorante na vida social e de trabalho, os quais não têm ainda consolidada suas construções identitárias, nem seu lugar social ou suas trajetórias, estando imersos na projeção do futuro a partir das ações no presente (Arnett, 2016; Dutra-Thomé & Koller, 2019). Dessa maneira, a pandemia da covid-19 tendeu a gerar potenciais impactos positivos e negativos nessas projeções de futuro nas mais variadas dimensões da vida, incluindo a vida de trabalho – central no mundo capitalista (Blustein, 2019) –, variando em função da classe social, do gênero/sexualidade e da raça/etnia (ILO, 2022).

De um lado, os(as) adultos(as) emergentes terão maiores dificuldades no início da carreira (Keshky et al., 2020) e incerteza do futuro de carreira (Rohwerder, 2020), estarão mais propensos(as) ao desemprego, subemprego e informalidade do trabalho (Adams-Prassl et al., 2020; Alon et al., 2020; Barbosa et al., 2020; Galasso et al., 2020; Lambovska et al., 2021; Robinson et al., 2021) em função dos obstáculos para se empregarem (Flamini et al., 2021; Mann et al., 2020). Além disso, vivenciarão um aumento da sensação de medo e da falta de confiança sobre o futuro e maior temor de arriscar (Keshky et al., 2020; Robinson et al., 2021), em um contexto contemporâneo de incerteza e desinformação (Navarro-Jiménez et al., 2021; Robinson et al., 2021), estando sujeitos a uma maior vulnerabilização (Robinson et al., 2021), principalmente aqueles(as) com baixa qualificação e de classes sociais baixas (Barbosa et al., 2020; Flamini et al., 2021; Hughes et al., 2021; Recksiedler & Landberg, 2021; Robinson et al., 2021).

Do outro lado, os(as) adultos(as) emergentes com maior qualificação e das classes média e alta irão também enfrentar situações de incerteza, desinformação, medo em relação ao futuro

(Teixeira et al., 2021), maiores dificuldades no início da carreira (Keshky et al., 2020) e dificuldade de planejar (Rohwerder, 2020), contudo, a tecnologia e a inclusão digital, principalmente, tendem a oferecer a esse grupo maiores possibilidades de carreira (Robinson et al., 2021).

De qualquer forma, haverá impactos na carreira para todos(as) os(as) adultos(as) emergentes, mesmo os(as) mais qualificados(as), pois as rupturas substanciais de educação e emprego vivenciadas durante a pandemia provavelmente influenciarão suas perspectivas de emprego e renda de longo prazo (ILO, 2022) e aumentarão a desocupação dos(as) jovens em geral (Barbosa et al., 2020; Flamini et al., 2021; Lambovska et al., 2021; Navarro-Jiménez et al., 2021; Robinson et al., 2021).

Assim, há grande probabilidade de que haja mudanças no estilo de vida das gerações de jovens (Hughes et al., 2021; Keshky et al., 2020), impacto de longo prazo para adultos(as) emergentes (UNDESA, 2020), com possibilidade de não vivenciarem mudanças e ascensões na vida e terem sua capacidade de sonhar limitada (Mann et al., 2020), pois as dificuldades de projeção do futuro e planejamento pessoal podem levar ao desligamento de objetivos de vida importantes (Rohwerder, 2020), como, por exemplo, a construção da carreira (Blustein et al., 2020).

Um único ponto, muito importante, seria a projeção de que essa crise gerada pela pandemia pudesse levar a uma maior consciência da necessidade de comportamentos socioambientais mais responsáveis, contribuindo para que as pessoas desenvolvam uma abordagem mais sustentável para a construção de suas carreiras (Blustein et al., 2020; Rudolph et al., 2021).

## **Considerações finais: construções de carreira de adultos(as) emergentes como potencial agenda de pesquisa no pós-pandemia**

Os(as) adultos(as) emergentes constituem, aproximadamente, 18,9% da população total do Brasil e são, em relação aos mundos do trabalho, um grupo com desvantagens importantes. A revisão narrativa realizada evidenciou que esse grupo será, potencialmente, um dos mais afetados no pós-pandemia e que uma agenda de estudos sobre suas construções de carreira nesse período se faz necessária, principalmente por serem um grupo sub-representado nos estudos de trabalho, com destaque para o campo da OPC, que terá que ampliar o escopo de suas investigações e intervenções se quiser compreender o mundo no pós-pandemia.

Como síntese, identificamos os principais eixos investigativos sobre as construções de carreira de adultos(as) emergentes, estruturados a partir das distintas dimensões da revisão narrativa realizada.

- a) Em termos de *métodos de pesquisa*, faz-se necessário aumentar o uso de dados longitudinais, investigações transculturais e métodos mistos, incluindo mais amplamente a visão dos(as) adultos(as) emergentes nas análises realizadas, para compreender com profundidade a complexidade dos mundos do trabalho atuais e das construções de carreira.
- b) Em termos de *caracterização dos públicos estudados*, recomendamos investigar amostras diversificadas em relação à classe social, gênero, raça/etnia e orientação sexual, além de contextos diferenciados de trabalho, não somente os formalizados, para a compreensão estendida das construções de carreira nos mundos dos trabalhos e o desenvolvimento de intervenções de carreira contextualizadas.
- c) Em termos dos *eixos investigativos*, recomendamos estudar as descontinuidades de carreira, as construções de carreira em situações de crise, as perspectivas de futuro no trabalho, os impactos da desinformação para o início da carreira, os impactos da tecnologia e da inclusão digital para o futuro da carreira, o aumento da consciência sobre questões de sustentabilidade e justiça social, a interface trabalho-família, os desafios da formação continuada, as sobredeterminações dos preconceitos e opressões para as construções de carreira e os impactos da experiência pandêmica a longo do tempo.

Em suma, ampliar, diversificar e complexificar os métodos, amostras e temas de investigação, sem ignorar nem subestimar a vivência da pandemia e as várias dimensões das desigualdades existentes nos mundos do trabalho, são as principais ações recomendadas para o estudo da construção da carreira de adultos(as) emergentes no pós-pandemia.

## Referências

- Abade, F. L. (2005). Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 15-24.
- Adams-Prassl, A., Boneva, T., Golin, M., & Rauh, C. (2020). *Inequality in the impact of the Coronavirus shock: evidence from real time surveys* (IZA Discussion Paper n. 13183). IZA Institute of Labor Economics.
- Aguiar, F. H. R., & Conceição, M. I. G. (2012). Análise da produção científica em orientação profissional. *Psico-USF*, 17(1), 97-107. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100011>
- Almeida, C. G., & Socci, V. (2017). Inserção profissional e carreira de formandos e egressos brasileiros: revisão da literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(1), 81-92. <http://doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p81>
- Alon, T., Doepke, M., Olmstead-Rumsey, J., & Tertilt, M. (2020). *The impact of covid-19 on gender equality* (NBER Working Paper Series, n. 26947). National Bureau of Economic Research.
- Ambiel, R. A., Campos, M. I., & Campos, P. P. T. V. Z. (2017). Análise da produção científica brasileira em orientação profissional. *Psico-USF*, 22(1), 133-145. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220112>
- Arnett, J. J. (2016). Does emerging adulthood theory apply across social classes? National data on a persistent question. *Emerging Adulthood*, 4(4), 227-235. <http://doi.org/10.1177/2167696815613000>
- Autin, K. L., Blustein, D. L., Ali, S. R., & Garriott, P. O. (2020). Career development impacts of covid-19: Practice and policy recommendations. *Journal of Career Development*, 47(5), 487-494. <https://doi.org/10.1177/0894845320944486>
- Barbosa, A. L. N. D. H., Costa, J. S. D. M., & Hecksher, M. D. (2020). Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: ampliação de desigualdades já existentes?. *Mercado de Trabalho*, (69), 56-62. <http://doi.org/10.38116/bmt69/notastecnicas1>
- Barbosa-Silva, L., Pereira, Á., & Alves, F. A. (2021). Reflexões sobre os conceitos de adolescência e juventude: uma revisão integrativa. *Revista Prática Docente*, 6(1), e026. <http://doi.org/10.23926/RPD.2021.v6.n1.e026.id1045>
- Baruch, Y., & Sullivan, S. E. (2022). The why, what and how of career research. *Career Development International*, 27(1), 135-159. <https://doi.org/10.1108/CDI-10-2021-0251>
- Bauer, A., Paula, C. S., & Evans-Lacko, S. (2021). Improving the mental health and life chances of young people in Brazil in the context of the covid-19 pandemic. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(1), 1-8. <http://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPIC14389>
- Blustein, D. L. (2019). *The importance of work in an age of uncertainty*. Oxford University Press.
- Blustein, D. L., Duffy, R., Ferreira, J. A., Cohen-Scali, V., Cinamon, R. G., & Allan, B. A. (2020). Unemployment in the time of covid-19: A research agenda. *Journal of Vocational Behavior*, 119(103436). <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2020.103436>
- Campos, R. C., Cappelle, M. C. A. & Maciel, L. H. R. (2017). Carreira esportiva: o esporte de alto rendimento como trabalho, profissão e carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(1), 31-41. <http://doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p31>
- Castel, R. (2009). *La montée des incertitudes*. Seuil.
- Cazeri, G. T., Anholon, R., Rampasso, I. S., Quelhas, O. L., & Leal Filho, W. (2021). Preparing future entrepreneurs: Reflections about the covid-19 impacts on the entrepreneurial potential of Brazilian students. *Journal of Work-Applied Management*, 13(2), 277-283. <https://doi.org/10.1108/JWAM-10-2020-0046>
- Cohen-Scali, V., Masdonati, J., Disquay-Perot, S., Ribeiro, M. A., Vilhjálmssdóttir, G., Zein, R., Bucciarelli, J. K., Moumoula, I. A., Aisenson, G., & Rossier, J. (2022). Emerging adults' representations of work: A qualitative research in seven countries. *Emerging Adulthood*, 10(1), 54-67. <https://doi.org/10.1177/2167696820963598>
- Corseuil, C. H. L., & Franca, M. A. P. (2020). Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempos de crise. *Mercado de Trabalho*, (70), 1-12. <http://doi.org/10.38116/bmt70/dossiea1>

- Costa, S. D. S. (2020). The pandemic and the labor market in Brazil. *Revista de Administração Pública*, 54(4), 969-978. <http://doi.org/10.1590/0034-761220200170x>
- D'Avila, G. T., & Coutinho, M. C. (2019). Entre movimentos e trajetórias laborais de jovens profissionais. *Psico*, 50(2), e29659. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.29659>
- Dingel, J. I., & Neiman, B. (2020). *How many jobs can be done at home?* (NBER Working Paper Series, n. 26948). National Bureau of Economic Research.
- Duarte, A. F. R., & Alves, S. C. A. (2016). Trajetórias profissionais de técnicos de nível médio. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, 4(1), 128-151.
- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2019). Emerging adulthood features in Brazilians from differing socioeconomic status. *Acta de Investigación Psicológica*, 9(3), 56-66. <https://doi.org/10.22201/fpsi.20074719e.2019.3.322>
- Fiochi-Marques, M., Oliveira, M. C., & Melo-Silva, L. L. (2018). Construção da carreira do universitário-atleta: percepções e expectativas na transição universidade-trabalho. *Psicologia em Revista*, 27, 679-706. <http://doi.org/10.23925/2594-3871.2018v27i3p679-706>
- Flamini, V., Toscani, F., & Masri, D. A. (2021). *The short-term impact of covid-19 on labor markets, poverty and inequality in Brazil* (Working Paper n. 2021/066). International Monetary Fund.
- Fortier, N. (2020). covid-19, gender inequality, and the responsibility of the state. *International Journal of Wellbeing*, 10(3), 77-93. <http://doi.org/10.5502/ijw.v10i3.1305>
- Fraga, A. M., Prestes, V. A., Rocha-de-Oliveira, S., Medeiros, I. B. D. O., & Feijó, C. D. S. (2019). "Para além do arco-íris": Trajetórias de carreira de casais homossexuais. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 19(3), 662-670. <http://doi.org/10.17652/rpot/2019.3.16469>
- Galasso, V., Pons, V., Profeta, P., Becher, M., Brouard, S., & Foucault, M. (2020). *Gender differences in covid-19 related attitudes and behavior: Evidence from a panel survey in eight OECD countries* (NBER Working Paper Series, n. 27359). National Bureau of Economic Research.
- Galatti, L. R., Marques, C. V., Santos, Y. Y. S. D., Watoniki, G., Korsakas, P., & Mercadante, L. A. (2021). Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira. *Movimento*, 27, e27014. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106017>
- García-Morales, V., Garrido-Moreno, A., Martín-Rojas, R., & Lockett, N. (2021). Entrepreneurship and digital transformation. *Frontiers in Psychology*, 12, Article 735503. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.735503>
- Godtsfriedt, J. (2015). Ciclos de vida profissional na carreira docente: revisão sistemática da literatura. *Corpoconsciência*, 19(2), 9-17.
- Góes, G. S., Martins, F. S., & Nascimento, J. A. S. (2020). *Potencial de teletrabalho na pandemia: Um retrato no Brasil e no mundo* (Carta de Conjuntura, n. 47). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
- Guimarães, N. A., Brito, M., & Comin, A. A. (2020). Trajetórias e transições entre jovens brasileiros. *Novos estudos CEBRAP*, 39(3), 475-498. <http://doi.org/10.25091/s01013300202000030002>
- Hirschi, A., & Koen, J. (2021). Contemporary career orientations and career self-management: A review and integration. *Journal of Vocational Behavior*, 126, Article 103505. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2020.103505>
- Hobsbawm, E. J. (1987). *Mundos do trabalho*. Paz e Terra.
- Hooley, T. (2022). The impact of covid-19 on career. *Journal of the National Institute of Career Education and Counselling*, 48(1), 3-12. <https://doi.org/10.20856/jniccc.4802>
- Hughes, D., Warhurst, C., & Duarte, M. E. (2021). Decent work, inclusion and sustainability: A new era lies ahead. *British Journal of Guidance & Counselling*, 49(2), 145-152. <http://doi.org/10.1080/03069885.2021.1898540>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. IBGE.
- International Labour Organization. (2022). *Global employment trends for youth 2022: Investing in transforming futures for young people*. ILO.
- International Labour Organization. (2023). *World employment and social outlook: Trends 2023*. ILO.
- Keshky, E., El Sayed, M., Basyouni, S. S., & Al Sabban, A. M. (2020). Getting through covid-19: The pandemic's impact on the psychology of sustainability, quality of life, and the global economy – A systematic review. *Frontiers in Psychology*, 11, Article 585897. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.585897>

- Knabem, A., Ribeiro, M. A., & Duarte, M. E. (2018). Early career construction for Brazilian higher education graduates. In V. Cohen-Scali, J. Rossier & L. Nota (Eds.), *New perspectives on career counseling and guidance in Europe* (pp. 105-118). Springer.
- Kossek, E. E., Perrigino, M., & Rock, A. G. (2020). From ideal workers to ideal work for all: A 50-year review integrating careers and work-family research with a future research agenda. *Journal of Vocational Behavior*, 126, Article 103504. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2020.103504>
- Lage, M. L. D. C., & Rodrigues, A. C. (2021). Pandelivery 1: Reflections on black delivery app workers experiences during COVID-19 in Brazil. *Gender, Work & Organization*, 28(S2), 434-445. <https://doi.org/10.1111/gwao.12604>
- Lambovska, M., Sardinha, B., & Belas, J. (2021). Impact of covid-19 pandemic on the youth unemployment in the European Union. *Ekonomicko-Manazerske Spektrum*, 15(1), 55-63. <https://doi.org/10.26552/ems.2021.1.55-63>
- Lassance, M. C. P., & Ambiel, R. A. M. (2018). *Orientação de carreira: investigação e práticas*. Associação Brasileira de Orientação Profissional.
- Lassance, M. C. P., & Ambiel, R. A. M. (2020). *Desafios e oportunidades atuais do trabalho e da carreira*. Associação Brasileira de Orientação Profissional.
- Lassance, M. C. P., Silveira, A. A., & Oliveira, M. Z. (2022). *Investigação e práticas em orientação de carreira: cenário 2021*. Associação Brasileira de Orientação Profissional.
- Lebioda, L., Cabral, G. O., & Tezza, R. (2019). A homogeneidade da inclusão digital no Brasil: sonho ou realidade? *Revista Informação na Sociedade Contemporânea*, 3(1), 1-18. <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2019v3n0ID19118>
- Mann, A., Denis, V., & Percy, C. (2020). *Career ready? How schools can better prepare young people for working life in the era of covid-19* (OECD Education Working Paper n. 241). Organisation for Economic Co-operation and Development.
- Miranda, I. S., Santos, W., & Costa, F. R. (2020). Dupla carreira de estudantes atletas: uma revisão sistemática nacional. *Motrivivência*, 32(61), 1-21. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e61788>
- Morosini, M., & Fernandes, C. (2014). Estado de conhecimento e questões do campo científico. *Educação UFSM*, 40(1), 101-116. <https://doi.org/10.5902/1984644415822>
- Navarro-Jiménez, E., Moreno-Luna, L., Saavedra-Serrano, M. C., Jimenez, M., Simón, J. A., & Tornero-Aguilera, J. F. (2021). The impact of the covid-19 pandemic on social, health, and economy. *Sustainability*, 13, Article 6314. <https://doi.org/10.3390/su13116314>
- Noronha, A. P. P., & Ambiel, R. A. M. (2006). Orientação profissional e vocacional: análise da produção científica. *Psico-USF*, 11, 75-84. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712006000100009>
- Noronha, A. P. P., Andrade, R. G., Miguel, F. K., Nascimento, M. M., Nunes, M. F. O., Pacanaro, S. V., Ferruzzi, A. H., Sartori, F. A., Takahashi, L. T., & Cozza, H. F. P. (2006). Análise de teses e dissertações em orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(2), 1-10.
- Noronha, A. P. P., Ventura, C. D., Cecilio-Fernandes, D., Nery, J. C. S., Paula Bueno, J. M., Luca, L., Baroncelli Neto, I., & Silva, M. A. P. (2014). Análise de produções da Revista Brasileira de Orientação Profissional. *Psico*, 45(1), 26-34. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.1.12416>
- Oliveira, F. M. U. (2020). A demanda por empreender: uma proposta para o estudo do empreendedorismo de acordo com a Psicologia Social do Trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 23(2), 115-128. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v23i2p115-128>
- Oliveira, C. T., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2017). Revisão sistemática da literatura sobre características de intervenções em carreira. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(2), 125-141. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i2.1464>
- Organización Mundial de la Salud. (2019). *Brote de enfermedad por el Coronavirus (COVID-19)*. OMS. <https://www.paho.org/es/temas/coronavirus/brote-enfermedad-por-coronavirus-covid-19>
- Prates, I., & Barbosa, R. J. (2020). The impact of covid-19 in Brazil: Labour market and social protection responses. *The Indian Journal of Labour Economics*, 63(1), 31-35. <https://doi.org/10.1007/s41027-020-00252-3>
- Reckstedler, C., & Landberg, M. (2021). Emerging adults' self-efficacy as a resource for coping with the covid-19 pandemic. *Emerging Adulthood*, 9(5), 576-582. <https://doi.org/10.1177/21676968211019287>

- Ribeiro, M. A. (2020). Trabalho e orientação profissional e de carreira em tempos de pandemia. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 21(1), 1-5. <http://doi.org/10.26707/1984-7270/2020v21n101>
- Ribeiro, M. A., Cardoso, P., Duarte, M. E., Machado, B., Figueiredo, P. M., & Fonçatti, G. O. S. (2022). Perception of decent work and the future among low educated youths in Brazil and Portugal. *Emerging Adulthood*, 10(1), 10-18. <https://doi.org/10.1177/2167696820925935>
- Rizzatti, D. B., Sacramento, A. M., Valmorbidia, V., Mayer, V. P., & Oliveira, M. Z. (2018). Transição de carreira em adultos brasileiros: um levantamento da literatura científica. *Gerais*, 11(1), 153-173. <http://doi.org/10.36298/gerais2019110112>
- Robinson, L., Schulz, J., Ball, C., Chiaraluce, C., Dodel, M., Francis, J., Huang, K.-T., Johnston, E., Khilnani, A., Kleinmann, O., Kwon, K. H., McClain, N., Ng, Y. M. M., Pait, H., Ragnedda, M., Reisdorf, B. C., Ruiu, M. L., Silva, C. X., Trammel, J. M., Wiborg, O. N., & Williams, A. A. (2021). Cascading crises: Society in the age of covid-19. *American Behavioral Scientist*, 65(12), 1608-1622. <https://doi.org/10.1177/00027642211003156>
- Rohwerder, B. (2020). *Social impacts and responses related to covid-19 in low- and middle-income countries* (K4D Emerging Issues Report n. 35). Institute of Development Studies.
- Rosa, D. D., & Coutinho, M. C. (2019). Juventudes e trabalhos: trajetórias de egressos do programa jovem aprendiz. *Interfaces Científicas-Humanas e Sociais*, 8(2), 99-112. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2019v8n2p99-112>
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v-vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Rudolph, C. W., Allan, B., Clark, M., Hertel, G., Hirschi, A., Kunze, F., Shockley, K., Shoss, M., Sonnentag, S., & Zacher, H. (2021). Pandemics: Implications for research and practice in industrial and organizational psychology. *Industrial and Organizational Psychology*, 14(1-2), 1-35. <https://doi.org/10.1017/iop.2020.48>
- Silva, A. K. L. D., Coelho-Lima, F., & Barros, S. C. (2020). The Covid-19 pandemic in the world of work: Psychosocial effects for the working class. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 25(2), 177-187. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20200018>
- Souza, A. P., & Murgu, C. S. (2022). Brazilian emerging adults: Scoping review. *Trends in Psychology*, 1-37. <https://doi.org/10.1007/s43076-022-00164-9>
- Teixeira, L. E. P. P., Freitas, R. L., Abad, A., Silva, J. A., Antonelli-Ponti, M., Marmora, C. H. C., Campos, L. A. M., Paiva, S., Bastos, S., & Silva, J. A. (2021). Psychological impacts of covid-19 pandemic on the Brazilian population: Occupational analysis. *World Journal of Neuroscience*, 11, 145-160. <https://doi.org/10.4236/wjns.2021.112013>
- Teixeira, M. A. P., Lassance, M. C. P., Silva, B. M. B., & Bardagi, M. P. (2007). Produção científica em orientação profissional: uma análise da Revista Brasileira de Orientação Profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(2), 25-40.
- Tommasi, L. D., & Corrochano, M. C. (2020). Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. *Estudos Avançados*, 34(99), 353-372. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.021>
- Townsend, E. (2020). covid-19 policies in the UK and consequences for mental health. *The Lancet Psychiatry*, 7(12), 1014-1015. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30457-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30457-0)
- United Nations. (2020). "Put women and girls at the centre of efforts to recover from COVID-19". UN. <https://www.un.org/en/un-coronavirus-communications-team/put-women-and-girls-centre-efforts-recover-covid-19>
- United Nations Department of Economic and Social Affairs. (2020). *Protecting and mobilizing youth in covid-19 responses* (Policy Brief 67). UN.
- Vasconcellos, V. C., Borges-Andrade, J. E., Porto, J. B., & Fonseca, A. M. D. O. (2016). Carreira nas organizações: revisão da produção brasileira no âmbito do microcomportamento organizacional. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 16(1), 73-87. <https://doi.org/10.17652/rpot/2016.1.375>
- Vyas, L. (2022). "New normal" at work in a post-COVID world: Work-life balance and labor markets. *Police and Society*, 41(1), 155-167. <https://doi.org/10.1093/polsoc/puab011>

#### Endereço para correspondência

marcelopsi@usp.br

Recebido em: 14/10/2021

Revisado em: 15/05/2023

Aprovado em: 31/05/2023

